



## **CULTURA**

propõe a troca de informações, buscando estabelecer um elo de ligação (um espaço de relação) entre os municípios, as instituições culturais, os produtores e suas manifestações. Este primeiro número pretende mostrar uma publicação aberta, que espera enriquecer-se a cada edição com o debate e a participação de todos os interessados na vida cultural de nosso Estado. Nesta edição, Marcelo Muniz detecta a falta de associativismo entre a categoria dos músicos, enquanto Fernando Romero identifica a "febre de museus", mas percebe mudança de postura em alguns dos administradores de museus do Estado. Iaponan Soares garimpou notas sobre a litografia em Santa Catarina. Nélvio Dutra Santos apresenta cronologia de Nereu Ramos na passagem do centenário de nascimento e trinta anos da morte do estadista. Marcando a data, é lançado o livro Nereu Ramos, patrocinado pela PORTOBELLO, via Lei Sarney.

### **A FEBRE DE MUSEUS EM SANTA CATARINA**

### **POR QUE OS MÚSICOS NÃO SE ENTENDEM**

### **LITERATURA: CONTO E POESIA**

### **ENTREVISTA E DEPOIMENTOS**

### **A LITOGRAFIA EM JORNAIS DO PASSADO**

### **NEREU RAMOS: CENTENÁRIO DE NASCIMENTO**

# **CULTURA**

Ano 1  
N: 0

**PEDRO IVO CAMPOS**  
Governador do Estado

**ZULEIKA MUSSI LENZI**  
Secretária de Estado da Cultura e do Esporte

**LYGIA HELENA ROUSSENO NEVES XAVIER**  
Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura

**CULTURA** PUBLICAÇÃO  
BIMENSAL

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5000  
Fone (0482) 332166  
88025 — Florianópolis — SC

**Jornalista Responsável:** Paulo Clóvis Schmitz

**Editores:** Maria Célia Di Bernardi Maciel  
João Paulo Silveira de Souza

**Planejamento Gráfico:** Onor Filomeno  
Neno Brazil

**Arte Final:** Neno Brazil  
Alexandre Passos

**Fotografia:** Danísio Silva

**Conselho Editorial:**

- . Artes Plásticas: Edson Machado
- . Patrimônio: Eugênio Lacerda
- . Letras: Ieda Inda
- . Artes Cênicas: Valmor Beltrame
- . Cinema: Gilberto Gerlach
- . Música: Marcelo Muniz
- . Planejamento: José Henrique Ferreira

**Colaboraram Nesta Edição:**

Fernando Romero  
Vinícius Alves  
Iaponan Soares  
Carlos Humberto Correa  
Nélvio Paulo Dutra Santos

Capa:  
Detalhe da  
Obra Dramatic "5 Splat",  
de Robert Arneson.



# espalha FATO

Muito se fala e se prega por aí que Santa Catarina é um Estado que possui um ótimo nível de vida, e que este fator é pura consequência de ter sido colonizado pelas raças européias em especial. Acho que esse conceito fez com que os catarinenses se acomodassem. Me espelho na cultura em si. Apesar de sermos "europeus", somos culturalmente menos desenvolvidos que muitos Estados nordestinos. Cito informações musicais como exemplo. O trabalho desenvolvido pelas

Universidades do Norte e Nordeste em pesquisa e estudo da música é mil vezes mais adiantado que o nosso. Em brincadeiras nos encontros de nível nacional, costuma-se citar Santa Catarina e Piauí como os Estados mais atrasados culturalmente, mas não se sabe porém que em Teresina existe um curso de composição e regência comandado pelo compositor Reginaldo de Carvalho, que foi o primeiro brasileiro a pesquisar a música eletroacústica (nos idos de 1967). Quero dizer com isso que nem do Piauí chegamos perto. É momento de autocritica. Estamos dormindo e esquecendo de coisas óbvias.

Estado "europeu" também não somos, pois estamos mil anos atrás, até de Portugal. País este que já deixou de ser atrasado há muito. Temos que, antes de tudo, fazer um julgamento imparcial. Frio, sem "bairrismos" nem cegueiras protecionistas. Infelizmente, não podemos fazer música em paz por aqui. Existem as instituições, existem as pessoas e os instrumentos. Mas não há desenvolvimento. Existem rixas antigas, desunião, desentendimento. Parece que somos muito primitivos em matéria de comportamento. Estamos nos preocupando ainda com o sucesso dos outros, embebidos no veneno do ciúme. Estamos na época em que todo mundo quer

ser pai de idéias. Engordar curriculum vitae. Individualismo e egocentrismo puro. Enquanto isso não temos, nem na Capital do Estado, uma escola superior de música que passe do estágio de instrumentação para a pesquisa e o ensino da criação musical. Falo especificamente de cursos de composição e regência. Não temos ainda. Isso é vergonhoso. Enquanto isso esses cursos já existem há mais de 30 anos em Salvador e em outras cidades brasileiras. Em Santa Catarina não se houve falar em Musicoterapia, ciência já em estágio avançado em outros lugares. Existe uma Faculdade de

Musicoterapia há 15 anos no Rio de Janeiro. Musicologia. Temos musicólogos em Santa Catarina. Pessoas interessadas no assunto, mas que se resumem em iniciativas isoladas que se perdem com o marasmo cultural. Não temos escolas modernas, que ensinem o suficiente para formar criadores. Enquanto não houver estudos de criação musical, composição, arranjos, etc., estaremos fadados a ser um Estado de macacos e papagaios imitadores. Amestrados para reproduzir. Infelizes terceiro-mundistas. Será que estamos cumprindo com o que nos destinaram os países imperialistas?

Antes de qualquer ação, temos que criar uma escola para os nossos moldes, nossa realidade e fazer com que os catarinenses penetrem em outro estágio: o da modernidade. Que consigamos através dessa escola sintetizar uma música autêntica sem ser atrasada. Simplesmente porque somos catarinenses e pensamos como tal. Com essa escola, teremos gerações de criadores que comporão melodias brotadas da terra e das vibrações sonoras de nossa gente.

MARCELO MUNIZ é músico, ex-integrante do Grupo Engenho e Assessor de Música da FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA.



FOTO DANISIO SILVA

# NOVOS RUMOS PARA A CULTURA

**CULTURA** — Como a Sr. pretende cumprir as metas traçadas administrando uma verba que não atinge a 1% do Orçamento do Estado? E de que forma viabilizar uma política cultural que agilize a busca de recursos na iniciativa privada ou na utilização dos benefícios da Lei Sarney?

**Professora Zuleika** — Na década de '70, os responsáveis pela iniciativa pública na área cultural se responsabilizaram principalmente pela preservação e proteção do acervo histórico e artístico e também pelo custeio dos gêneros e eventos culturais que só conseguiam se manter com auxílios governamentais — a música erudita, o balé clássico, a ópera, as orquestras sinfônicas. Essas atividades artísticas eram dirigidas a um público bastante reduzido.

Apesar de existir há apenas três anos, o Ministério da Cultura está tendo um papel muito importante para o entendimento da cultura num sentido mais amplo, compreendendo todo o fazer cultural e não apenas as atividades artísticas.

Quando se diz que não se objetiva apenas a proteção de bens históricos, se procura expressar que a política cultural atual está preocupada em integrar os setores marginalizados na sociedade mais ampla. Por exemplo, estamos buscando mais recursos para aperfeiçoar o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado.

É preciso considerar que, nos anos mais recentes, a iniciativa particular passou a explorar as oportunidades de investimento e faturamento no campo da produção cultural, visando tanto ao retorno financeiro, como ao "marketing cultural". Assim sendo, apesar de não atingir a 1% do Orçamento do Estado, pudemos alcançar algumas metas porque também se elaboram projetos para buscar recursos financeiros em outras instituições. Essa luta está sendo empreendida porque não está mais se entendendo a cultura unicamente como espetáculo artístico, mas sim como o resultado da forma de organização humana, capaz de integrar as diversas classes e categorias sociais.

**Depois de um ano e meio à frente da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, a professora Zuleika Mussi Lenzi começa a colher os primeiros resultados de um trabalho pautado na democratização do acesso do público aos bens culturais, no incremento da formação e na troca de informações entre os produtores de cultura. Após o sufocante período de "arrumação da casa", encontrada em péssimas condições de funcionamento, a Secretaria sente que as diretrizes dão o retorno esperado. Nesta entrevista, ela fala de sua linha de trabalho, das dificuldades e do que ainda há por fazer.**

**CULTURA** — A propósito, a Lei Sarney ainda não conseguiu sensibilizar o empresariado, tanto aqui quanto a nível nacional. Que avanços Santa Catarina conseguiu até agora?

**Professora Zuleika** — A Lei Sarney é um incentivo fiscal e sua vigência é muito recente. Há ainda a necessidade de maiores esclarecimentos para o empresariado e produtores culturais quanto às suas formas de utilização — doação, patrocínio e investimento. E, como todo incentivo fiscal, também esta lei obedece a um ritual que inclui cadastramento, notificações à Receita Federal, etc.

Entendo que nesse período a lei ajudou a despertar o empresariado no sentido de que o auxílio à cultura é marketing e que financiar os espaços, produtores e grupos culturais da comunidade em que estão inseridas, melhora a imagem das empresas e estimula o desenvolvimento cultural e educacional dessa comunidade.

Em Santa Catarina, observa-se que houve investimentos em espetáculos, espaços culturais e festivais artísticos. Ocorreram também patrocínios, investimentos e doações no atendimento a solicitações bastante específicas. Comparando com outras unidades da Federação, Santa Catarina ocupa a quarta posição na arrecadação de recursos através da Lei Sarney.

**CULTURA** — Já houve, anteriormente, tentativas de forjar uma "identidade cultural catarinense". Como a Sr. encara essa questão e como pretende, sem ser paternalista e sem interferir no processo cultural, promover o resgate de manifestações tradicionais e ao mesmo tempo permitir o surgimento de novas correntes, identificadas com a contemporaneidade?

**Professora Zuleika** — A identidade catarinense está na sua própria diversidade, forjada pela ocupação histórica do Estado e pela dinâmica cultural. Com relação ao segundo item, há a necessidade de se discutir os rumos que a modernidade está tomando em relação à cultura. Não há mais possibilidade de se menosprezar a indústria cultural e também as novas formas de organização social, em todos os níveis. Uma sociedade mais urbanizada, onde seus elementos participam de sindicatos e trabalham em fábricas, será culturalmente diferenciada em relação ao momento em que predominavam as relações sociais baseadas na ruralidade.

**CULTURA** — Nesse contexto, que ações mais imediatas poderiam ser feitas para facilitar o acesso da maioria da população aos bens culturais, tradicionalmente restritos, em suas formas mais clássicas, a uma faixa limitada de público?

**Professora Zuleika** — Uma das metas do Governo Pedro Ivo Campos/Casildo Maldaner é a de possibilitar o acesso da maioria da população aos bens culturais. Para isso, estamos atraindo um público eclético ao Museu Histórico de Santa Catarina (com exposições sobre temas variados, como o carnaval e a cultura negra), oferecendo o Teatro Álvaro de Carvalho e pequenos auditórios para a Escola de Música da UDESC, que apresenta audições musicais acessíveis, e levando peças beneficiadas pelos editais de produção e montagem a escolares. Reconheço que é difícil e que há a necessidade de investir mais recursos financeiros nessa meta, além de desenvolver um posicionamento mais socializado e menos elitista.

**CULTURA** — A Fundação Catarinense de Cultura continua com excesso de funcionários. Como a Secretaria pretende agir para impedir que esse problema atrapalhe a atuação da Fundação e interfira na linha de trabalho adotada na atual gestão?

**Professora Zuleika** — Atualmente a Fundação não está mais com excesso de funcionários. Ela tem sob seu cargo o Museu de Arte (MASC), a Casa dos Açores, o Teatro Álvaro de Carvalho, o Teatro Adolpho Mello, a Casa da Alfândega, a Biblioteca Pública Estadual e a Escolinha de Arte, além de ceder funcionários para a própria Secretaria. O problema que se enfrenta é que o corpo de bons técnicos é relativamente pequeno e a admissão de funcionários era feita muitas vezes sem se observar a sua qualificação. Temos procurado aperfeiçoar, possibilitando a frequência dos funcionários a cursos de curta e média duração, já que necessita-se cada vez mais de administradores e promotores culturais.

**CULTURA** — Voltando à questão da interiorização, de que forma conciliar uma proposta de democratização das ações com a pouca atenção que a maioria dos municípios dispensa à área cultural (apenas alguns deles priorizam esse setor nos seminários promovidos pelo próprio governo)?

**Professora Zuleika** — Realmente, poucos municípios têm colocado a cultura entre suas 10 prioridades, o que reduz o percentual de participação da Secretaria no orçamento estadual. No entanto, no transcorrer do ano as solicitações são muitas: festivais, assessoria técnica, construção de casas de cultura, etc. Além disso, há a necessidade de apoiar as bandas de música (mais de uma dezena delas é centenária), museus, igrejas, corais, e isso só tem sido possível porque o Governador Pedro Ivo nunca se recusou a suplementar o orçamento para que se atendessem aos pedidos.

**CULTURA** — Santa Catarina permanece na periferia do eixo da produção cultural do País. De que forma se poderia mostrar lá fora o que se faz aqui e também agilizar a circulação de informações culturais dentro do próprio Estado?

**Professora Zuleika** — Santa Catarina, como a maioria dos demais Estados, está fora do chamado eixo Rio-São Paulo, e isso nos impossibilita principalmente de assistir a espetáculos internacionais. Igualmente as grandes empresas investem nos projetos do Rio e São Paulo. Há necessidade de projetar mais a produção cultural catarinense em outros Estados.

Quanto ao teatro, foi elaborado um folder do CIC para mostrar lá fora que se tem uma boa casa para espetáculos artísticos. Isso nos propiciou a vinda de boas montagens teatrais e musicais no ano de 1988.

Cada vez que um grupo teatral ou coral é convidado para participar de festivais nacionais e solicita apoio, a Secretaria tem procurado viabilizar a sua presença. Paralelamente, estamos desenvolvendo ações para expor os trabalhos de artistas plásticos catarinenses fora daqui.

**CULTURA** — Uma crítica freqüente aos governos estaduais diz respeito à inexistência de uma política cultural que oriente as ações oficiais nesse setor. A Sr. acha que o atual governo contribuiu para reverter esse quadro?

**Professora Zuleika** — Há diferentes pontos a considerar nessa questão. Infelizmente não há, a nível nacional, uma política cultural bem delineada a que se pudesse adaptar a política de cultura dos Estados. Existem apenas os programas dos diferentes setores do Ministério da Cultura, e se procura elaborar projetos para obter recursos financeiros de acordo com suas diretrizes.

A nível estadual, compete ao Conselho Estadual de Cultura, pela Lei Estadual nº 5.719/80, a elaboração, quadrienalmente, do Plano Estadual de Cultura. O Conselho apresentou um plano este ano, mas, como já se está em fase avançada de estudos para sua reformulação, houve-se por bem não aprová-lo e aguardar a modificação do prazo de mandato e posse dos novos conselheiros. Desse modo, a ação cultural está delineada no 4º Caderno do Plano de Governo.

**CULTURA** — A proposta de interiorização e descentralização das ações governamentais na área da cultura tem surtido efeitos, até o momento?

**Professora Zuleika** — A área da cultura sempre foi muito maltratada anteriormente, não havendo na Secretaria nem na Fundação Catarinense de Cultura mecanismos capazes de proporcionar uma vinculação com os municípios.

Através de encontros intermunicipais, realizados no ano passado, foi possível captar os anseios dos dirigentes culturais municipais. Daí partiu-se para uma reestruturação administrativa e de estratégias para se poder descentralizar a ação cultural.

Assim, a criação do Sistema Estadual de Museus, por exemplo, tem possibilitado o cadastro de museus em Santa Catarina, cursos de formação de pessoal e assessoria para instalação e reestruturação de museus. Outro exemplo é o da Escolinha de Arte. Além de ministrar cursos em Florianópolis, ela atende às solicitações para cursos na área de Arte-Educação em dezenas de municípios. Tem-se procurado, enfim, atender-se aos pedidos de recursos financeiros para festivais, restauração de casas de cultura e reinício da construção de outras interrompidas há vários anos.

**CULTURA** — Como a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte está se relacionando com os segmentos que eram privilegiados em administração anteriores e que hoje, julgando-se preteridos, mostram-se descontentes com a linha de ação adotada?

**Professora Zuleika** — O governo foi considerado "o grande mecenas da cultura brasileira" nos anos 70, e em nosso Estado isso se estendeu até meados dos anos 80. Esse mecenato deve ser entendido como a disposição de sustentar artistas e/ou intelectuais que não têm qualificação e querem ser privilegiados na inserção de sua produção artística no mercado.

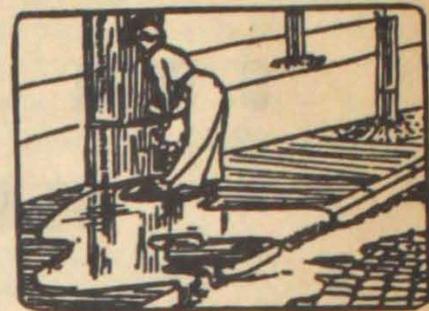
Durante a nossa gestão temos procurado dar acesso mais democrático aos recursos financeiros — que são poucos — através de editais (dança, teatro, grupos folclóricos, bandas, circos e artistas plásticos). Antes, os editais beneficiavam apenas os grupos de teatro. Além disso, tem-se procurado investir na formação de recursos humanos através de cursos como a Escola Livre de Teatro, as Oficinas de Arte do CIC, o auxílio para o Conservatório de Música de Laguna, entre outros. Dessa maneira, não só se possibilita a aprendizagem na área artística, mas também se forma público para apreciar os bens culturais produzidos.

**CULTURA** — De que forma o Governo deve agir para adotar ações viáveis, levando em conta que estamos num Estado culturalmente multifacetado.

**Professora Zuleika** — O primeiro passo é conhecer e ter dados objetivos sobre as peculiaridades da cultura catarinense, o que facilita um mapeamento de todo o Estado.

Partindo desses dados haverá a possibilidade de estabelecer a política cultural, respeitando as diversidades do Estado.

Enquanto isso, está-se investindo na formação de recursos humanos, no intercâmbio e disseminação de experiências, na publicação de músicas para corais, na visita de autores catarinenses a escolas, no auxílio a circuitos culturais, em concursos de literatura, na recuperação e valorização das atividades circenses, etc.



Como deve ser a relação entre o Estado e a cultura, a produção de bens culturais, os animadores, os intelectuais, a população? Essa questão, sobre a qual jamais haverá unanimidade, foi colocada para uma série de produtores e intelectuais, que assumiram posições previsivelmente díspares. Há os que defendem a intervenção do Estado, os que entendem que as leis do mercado e a qualidade é que vão selecionar o que é bom e aqueles que dão ao Estado a função de mero repassador de informações e estimulador de debates. Aqui, uma síntese do que pensam essas pessoas, em depoimentos colhidos em várias cidades do Estado.

Paulo Clóvis Schmitz

O que vemos hoje é uma desvinculação muito grande entre o litoral e o resto do Estado — que não admite, e com razão, ser chamado de "interior". Entendo que precisamos passar mais informações para o público, que secularmente nada recebe mas que costuma aceitar de bom grado o que lhe é repassado. Na área dos museus sentimos o grave problema da falta de visitação, porque museu ainda é sinônimo de coisa velha, mortuário, depósito, antiquário. E, embora de alguns anos para cá houvesse uma evolução, com vários municípios querendo resgatar sua história, ainda há uma grande falta de consideração pelos profissionais e lugares — como em Laguna e São José — onde tudo é feito por conta própria, sem assistência técnica. Aí entram as mesquinhasias políticas, a falta de civilidade e de compreensão das pessoas, o bairrismo, a mentalidade tacanha e o provincianismo. Outro mal são muitos funcionários públicos que não têm qualificação e passam todo o tempo esperando pelo salário do fim do mês.

Geley Coelho (Peninha), museólogo de Florianópolis.

O governo deve interferir, desde que haja uma sintonia entre sua ação e o que anseia a sociedade. Essa intervenção deve existir quando o objetivo é melhorar, criar instrumentos transitórios ou permanentes que estimulem a produção e a difusão da cultura. No caso da literatura, a interferência se daria dando o primeiro empurrão na seleção, edição e distribuição dos bons autores. O Estado deveria também repensar o Conselho Estadual de Cultura e colaborar na aproximação entre os geradores de cultura e o poder. Essa experiência foi realizada com êxito em Joinville, nos anos 70, onde nós, com poucas pessoas e recursos, alcançamos grandes resultados no resgate da cultura popular — especialmente a dança, a música e o artesanato. Em síntese, o que se precisa é de maior sintonia entre o poder e os produtores e também de maiores recursos. Esse processo, aliado à descentralização proposta pelo atual governo, levaria a uma maior mobilidade das ações culturais, ainda mais numa época de diversidades e de diluição das informações como é a nossa.

Alcides Buss, poeta e professor universitário de Florianópolis.

A relação entre Estado e cultura é inevitável, pois existem os deveres e a faixa de obrigação oficiais. Entendo que entre os problemas que carecem de solução está o da edição de livros, já que existem obras que somente as editoras oficiais podem bancar. Outra coisa é a precariedade de nosso teatro, que na verdade não existe — e é duro termos que admitir isso. É preciso partir da estaca zero, criando cursos de formação, porque caso contrário vamos repetir, interminavelmente, os erros e limitações que conhecemos. Acho que o Brasil foi muito prejudicado pelos regimes autoritários, que manipularam a criação intelectual, assim como o realismo socialista freou a arte russa dos anos 20. Mas o caso brasileiro é atípico, tudo aqui é circunstancial, e paradoxalmente foi durante a ditadura de Getúlio Vargas que a arte teve seu período glorioso, especialmente na arquitetura, no patrimônio histórico e na literatura (com a criação do Instituto Nacional do Livro). Por isso, a relação entre Estado e produção cultural, além de inevitável, é desejável. E acredito que em Santa Catarina, hoje, existe uma boa relação, apesar da carência de recursos.

Cléber Teixeira, editor e escritor de Florianópolis.

As fundações culturais ainda são ilhas isoladas: não são consultadas nem recebem recursos. De um modo geral, falta entrosamento e a cultura é tratada num nível secundário. Precisamos entender que a cultura engloba tudo o que somos, o que foram nossos antepassados e o que serão as gerações futuras. Por isso é fundamental conscientizar o povo, já que a arte não é um privilégio da elite, da intelectualidade, e igualmente exigir mais das autoridades, uma vez que os prefeitos priorizam apenas ruas, pontes e estradas. No caso específico de São Francisco do Sul, há uma resistência muito grande contra o tombamento, que deveria ter merecido uma campanha anterior. Não há poder aquisitivo para manter ou restaurar os bens tombados. A Caixa Econômica Federal, como fez em Olinda, deveria facilitar recursos para que as pessoas se sentissem estimuladas a investir na manutenção desses bens. Uma mudança salutar, em São Francisco, é que os turistas, que chegam cada vez em maior número à cidade, estão ajudando a conscientizar a população sobre a importância da preservação desse patrimônio.

Iná Alves de Deus Inácio, diretora-presidente da Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul.

Vou falar do cinema, que é minha área. Entendo que este é um setor que, sem exigir ações paternalistas, merece um tratamento diferenciado e tem direito a uma estrutura mínima em termos de equipamentos. O Estado deveria seguir o exemplo da Cinemateca Guido Viaro, de Curitiba, que dispõe de material e o empresta aos produtores. Acho que o Estado não deve produzir, mas apoiar, e nesse sentido existe uma promessa de apoio financeiro do governo que, se for cumprida, levará o cinema de Santa Catarina a uma nova fase. Quanto à interiorização, entendo que no cinema ela não é recomendável porque a semente do movimento está em Florianópolis. Depois daqui, outros pólos de produção poderão surgir.

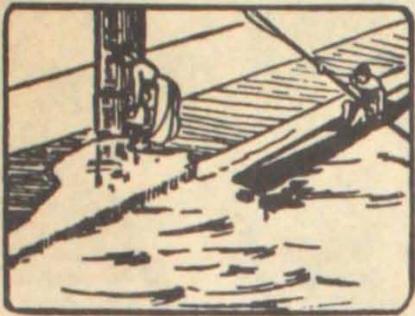
José Henrique Nunes Pires, cineasta de Florianópolis.

Gosto da Lygia, superintendente, e da Zuleika, Secretária, mas não saberia como ajudá-las sabendo que a verba é pouca e os artistas são muito complicados. De qualquer forma entendo que todo o Estado — e não apenas a Capital — deveria ser lembrado e que as nossas universidades têm muito a fazer pela área das artes plásticas. O que vemos hoje é uma grande falta de respeito por parte dessas instituições.

Elke Hering, escultora de Blumenau.

A atual administração vai mal, tem gente errada nos postos errados, falta contato com os artistas e as pessoas da área. da Secretária aos funcionários, não têm vivência artística. Há pouco dinheiro e muita elitização e empreguismo. No governo passado tínhamos mais respaldo, as portas estavam abertas e pelo menos no transporte do equipamento e no aluguel do som os músicos eram respeitados.

Luís Meira, músico de Florianópolis.



Tenho 15 anos de trabalho em teatro e nunca vi tamanha atuação do governo do Estado na área da cultura. O paternalismo foi abolido, existe uma abertura da Fundação Catarinense de Cultura e em consequência houve uma aproximação muito grande, embora com independência, entre o Estado e os produtores. A caminhada é longa, mas o começo do processo já houve e precisa ser mantido. Entendo que os grupos de teatro precisam mostrar competência para depois reclamar subsídios oficiais.

**Haroldo Silva, diretor de teatro de Tubarão.**

O poder público deve avaliar e selecionar as propriedades, evitando o paternalismo e o apadrinhamento e prestigiando as atividades culturais mais importantes. Deve também ter critérios rígidos na distribuição dos recursos. Há muita gente que reclama, mas estes eram os donos dos espaços e a hora é de ter bom senso na aplicação das verbas, que já são poucas. No caso da Capital, entendo que a sala de cinema do CIC, muito bem administrada, atende às exigências dos cinéfilos. Em contrapartida, o Museu de Arte é mal aproveitado, não tem ampliado seu acervo e traz poucas exposições significativas, dificultando a formação do hábito de frequentar museus e galerias. Além disso, o CIC, que é um espaço maravilhoso, ainda nos soa como um enorme "elefante branco".

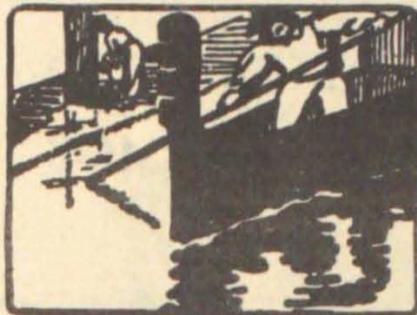
**Flávio de Sturdze, jornalista de Florianópolis.**

É preciso dar chances ao que tem qualidade — e qualidade independe do dinheiro público. O indivíduo com grande potencial criativo transpõe as barreiras e supera as dificuldades mudando, se reciclando, dando seu recado em outro lugar. **Os artistas precisam ser mais independentes, fugindo ao atrelamento, que sempre emperra seu trabalho.** Posso dizer que minha experiência pessoal contribuiu para solidificar essa posição, porque já enfrentei situações políticas adversas e dei a volta por cima. Também consegui realizar quatro salões de arte em Curitiba, mesmo quando não havia verbas suficientes.

**Luiz Henrique Schwanke, artista plástico de Joinville.**

Não existe uma fórmula perfeita, mas é preciso acabar com a relação viciosa criada pelo paternalismo do governo. Os artistas devem fazer um produto que se venda por si mesmo, porque ser genial não é suficiente e o talento também esbarra nas leis do mercado. De minha parte, sinto vontade de trabalhar mas gostaria de ter uma oportunidade, dinheiro para poder produzir e condições que me livrassem da obrigação de ficar fazendo documentários para sobreviver. Quero ser artista e não empresário. De qualquer maneira, sem ser positivista — apenas otimista —, vejo que alguma coisa está por acontecer: uma espécie de processo de transformação do comportamento, que deverá deixar suas marcas.

**Pedro Alípio, fotógrafo e cineasta de Florianópolis.**



A interferência do Estado deve ser mínima. As preocupações fundamentais deveriam ser com a produção local, a troca de experiências através de cursos e debates e a devolução à comunidade daquilo que o poder público recolheu. Com espaço, apoio, troca de idéias e pessoas habilitadas e bem assessoradas será possível favorecer a produção da terra, evitando contudo o risco de dispersar recursos só por causa de uma diretriz. A interiorização é uma boa proposta, mas os pontos de maior concentração populacional devem merecer prioridade.

**José Roberto Rodrigues, jornalista de Joinville.**

O Estado deve criar quadros encarregados de agilizar sua atuação junto às comunidades, fazendo com que elas assumam suas atividades culturais. É essencial formar técnicos especializados, fugindo do personalismo e do paternalismo, e também patrocinar alguns eventos, especialmente aqueles que aglutinam muitas pessoas, como festivais de música e teatro. Iniciativas em Joinville e Blumenau são bons exemplos de organização e mobilização. Precisamos também de uma Escola Superior de Música e de uma descentralização — que é proposta do atual governo — que leve a formação a todos os lugares, sobretudo porque, pelo menos na música, há muito tempo nada tem surgido de expressão em todo o Estado. Meu temor maior diz respeito à ingerência política, que sempre inviabiliza os eventos, e à falta de recursos, que também emperra o processo.

**Orlando Carlos da Silveira Mello (Neco), músico de Florianópolis.**

A função básica do Estado é alimentar as manifestações das comunidades. Ele precisa estar junto da população para levantar suas carências, necessidades e interesses e depois agir, investindo em práticas que estimulem o seu desenvolvimento cultural. Na área do teatro, a Fundação Catarinense de Cultura tem atuado corretamente, de forma coerente, no incentivo à produção e na formação técnica. Há confiança mútua, uma filosofia de trabalho, sem interferências. No Oeste e no Vale do Itajaí os grupos surgem, vencendo a mentalidade retrógrada de muitas prefeituras e consolidando sua estrutura. O que ainda falta são recursos para construir e equipar teatros em várias cidades do Estado.

**Sívio Orlando Borges, diretor de teatro de Joinville.**

## CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE NEREU RAMOS

O centenário de nascimento de Nereu Ramos, comemorado neste mês de setembro, virá por certo despertar o interesse de historiadores e estudiosos da ciência política para análises mais amplas e aprofundadas a propósito desse homem, que se inscreve entre os maiores líderes políticos de Santa Catarina em todos os tempos e que representou papel de importância decisiva num momento conturbado da vida política (dir-se-ia até institucional) brasileira, nas décadas de 40 e 50. Deputado federal e senador por mais de uma vez, governador e interventor federal de Santa Catarina, vice-presidente e presidente da República, a biografia e o perfil político de Nereu Ramos serão mostrados no livro **Nereu Ramos**, edição da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, com o apoio da Associação Portobello de Cultura, através da Lei Sarney.

Organiza a edição o historiador Carlos Humberto Corrêa, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, que contou com a colaboração do também professor e historiador Jali Meirinho e dos auxiliares de pesquisa Rosinete Matos Cândido e Alexandre Furtado dos Santos, alunos do Curso de História da UFSC. O volume é ilustrado com uma centena de fotografias e contém, além de vários textos de Nereu Ramos, biografia e estudos, minuciosa cronologia comparada dos acontecimentos regionais, estaduais e nacionais, envolvendo basicamente todo o relacionamento político da família Ramos e seus inúmeros expoentes em Lages (terra natal de Nereu), Santa Catarina e Brasil. Associando-se às comemorações do centenário de nascimento do grande estadista catarinense, CULTURA publica nesta página breve cronologia da vida de Nereu e uma crônica do escritor José Lins do Rego, publicada no jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, em 1953, quando cronistas políticos brasileiros prestaram homenagem ao Congresso Nacional, na pessoa de Nereu Ramos, então presidente da Câmara dos Deputados.

### NEREU RAMOS E O PARLAMENTO

Há um homem sério, de profunda convicção democrática, severo no serviço público, pronto a agir com segurança quando os acontecimentos lhe impõem a presença, apto a tomar posição de comando e sereno no comportamento de suas obrigações. Este homem assim dotado de qualidades positivas preside nos dias de hoje a Câmara dos Senhores Deputados. Chama-se Nereu Ramos e no próximo dia 3 estaremos, todos nós da imprensa, em redor de uma mesa de banquete para render, na sua pessoa ilustre, as homenagens que devemos ao Parlamento. Afinal, as nossas duas Casas do Congresso vão dando ao País a segurança de povo livre. Para os que degradam as funções há a

retidão dos que se empenham com coragem e dedicação à causa pública, os que nas comissões se matam na elaboração de leis, na fiscalização dos projetos, na melhor compreensão de seus deveres para com a Nação. Às vezes, desengano-me da utilidade de nossos homens do Parlamento. Já uma vez abandonei as galerias com a certeza de que não valia mais a pena acreditar na boa fé dos homens, depois de ouvir um cínico culpado de corrupção receber uma verdadeira ovação de seus pares. Mas, apesar da vergonha daquele ato triste, outras atitudes e outros gestos me curaram da decepção amarga. Pus-me a medir os acontecimentos, a analisar os homens, a fazer uma seleção de valores, para

chegar à convicção de que me havia excedido no juízo. O Congresso não era aquela fraqueza de um momento infeliz, o Congresso valia por muitos outros momentos de grandeza. E a ver um Nereu Ramos, lá de cima de sua cadeira presidencial, com a sua cara fechada, as suas soluções rápidas, a sua dignidade provecta, tinha que acreditar mesmo na honradez da Casa e ter a certeza de que o mandato não era a miséria de meia dúzia de aventureiros, mas a verdadeira responsabilidade de brasileiros que levavam em consideração as responsabilidades de suas obrigações para com o povo. Depois vi de perto os trabalhos de algumas comissões em fecundo

#### José Lins do Rego

labor democrático. Vi um senador Alvaro Adolfo, de mangas de camisa, metido em funções de auxiliar de escrita, como se fosse um modesto funcionário de carteira, vi as dores do relator da receita Lauro Lopes em desabafos de pessimismo radical, vi deputados aos gritos em defesa de verbas para hospitais e obras públicas. Aquela imagem do político gozador, tão da caricatura de rua, perdia-se naquele tremendo esforço de homens que entravam pela noite a dentro na faina penosa.

Vi assim o Congresso no seu funcionamento subterrâneo, e de lá saí convencido de que não tínhamos perdido os nossos votos. Na figura exemplar de Nereu Ramos, devemos ver a dignidade de nosso Parlamento.



REPRODUÇÃO DANISIO SILVA

#### NEREU DE OLIVEIRA RAMOS — CRONOLOGIA

- 1888 - 03 de setembro — nasce em Lages, Santa Catarina, filho de Vidal José de Oliveira Ramos Júnior e Teresa Fiúza Ramos. O pai era também político, tendo governado por duas vezes o Estado, deputado e senador. A família era rica proprietária de terras e importante liderança política regional.
- 1909 - Forma-se em Direito, em São Paulo.
- 1911 - Elege-se Deputado pelo Partido Republicano Catarinense.
- 1919 - Elege-se novamente Deputado, já na oposição.
- 1930 - Deputado Federal. Faz parte da Aliança Liberal, apoiando Getúlio Vargas e João Pessoa. O governo cai. Termina a Velha República. Santa Catarina passa a ser governada por interventores rio-grandenses.
- 1932 - Nereu apóia a Revolução Constitucionalista de São Paulo. A Aliança já é Partido Liberal, sem Nereu.
- 1933 - Aristiliano Ramos é nomeado Interventor do Estado.
- 1934 - Constituinte, Nereu volta ao Partido Liberal. Derrota seu primo Aristiliano para Governador. A eleição e a posse foram dramáticas.
- 1937 - Getúlio Vargas dá um golpe de Estado e cria o Estado Novo. É a ditadura. Nereu é nomeado Interventor de Santa Catarina.
- 1945 - Deixa o governo e organiza o PSD (Partido Social Democrático), com ajuda de Altamiro Guimaraes, Aderbal Ramos, Leoberto Leal e outros. É fundada a Rádio Guarujá e adquirido o jornal "O Estado". Em dezembro, o PSD ganha as eleições no Estado e Nereu Ramos é eleito Vice-Presidente da República no ano seguinte, quando foi também Senador.
- 1950 - Seu partido perde as eleições para uma aliança da oposição, elegendo-se Irineu Bornhausen. Nereu se eleger Deputado Federal.
- 1955 - Seu partido perde novamente as eleições no Estado, elegendo-se Jorge Lacerda. Nereu se eleger Senador. No bojo de uma crise política nacional, é empossado como Presidente da República, por ser Presidente do Senado.
- 1956 - Passa a faixa presidencial para Juscelino Kubitschek de Oliveira, de quem foi Ministro da Justiça.
- 1958 - 16 de junho — O avião em que viajam Nereu, Leoberto Leal, o Governador Jorge Lacerda cai e morrem esses líderes e outras pessoas de projeção.
- 1988 - Centenário de nascimento do advogado, professor e político articulador e administrador, sepultado no Rio de Janeiro. Seu nome é lembrado em nomes de municípios, ruas e no auditório mais famoso do Congresso Nacional.

NÉLVIO PAULO DUTRA SANTOS é Professor e Pesquisador da História de Santa Catarina.

## CINZAS DE CIGARRO

### Conto

Desde que Lola bateu com o cigarro na borda do cinzeiro e algumas minúsculas cinzas se espalharam pelo espaço limitado do quarto, senti que era urgente o sol por entre as venezianas, listrando a cama e os nossos corpos neutros misturados ao lençol cheirando a gozo. Eu sabia da necessidade que nos rondava a cada dia, dos desperdícios matinais em meio às cinzas, ante as garrafas de vinho que nos haviam permitido mais uma noite sem problemas, mas o sol listrava a cama e os lençóis e os nossos corpos e o quarto inteiro, mesmo que Lola me tivesse dito "voulez vous coucher avec moi ce soir?" e mesmo que naquele momento eu tivesse concordado, dizendo "je vous salue", agora havia o sol listrando e tudo parecia respirar mofo ou azedo e só nos restava uma saída. . . Na estrada tudo era cinzas e faixas e árvores e notícias no rádio; o pára-brisas como se fosse uma tela de cinema, e nós, os espectadores silenciosos, ávidos de emoções fortes, esperando o desfecho, o deslindar da trama, sentados mansamente nos bancos aveludados, e não nos arriscávamos a tecer comentários, apenas criávamos palíndromos com os cartazes de propaganda e as placas de sinalização, anagramas que nos distraíam a consciência e a ansiedade pelo epílogo — imediatistas como sempre — buscando o fim sem saber tirar proveito do entrementes, do ínterim. Desde que conheci Lola havia sido assim: tudo em seus devidos lugares, tudo na hora certa, tudo feito racionalmente. Chegamos quando a noite abria sua enorme boca e Lola reclamava da pouca velocidade. Pensei em Carlos e Sônia que nos esperavam certamente com toda tranquilidade do mundo, enquanto Lola escarnecia e eu não dava ouvidos, mirando-a retirar apressada seus pertences do bagageiro. Logo tudo era escuridão e gritos e sapos e corujas e outros bichos e Lola reclamava agora do esquecimento da lanterna. "Nessa escuridão é impossível andar sem lanterna", dizia, franzindo as sobrancelhas, imaginava eu, como sempre fazia quando estava furiosa. Irritava-se por não poder acender um cigarro (fumava desbragadamente quando estava nervosa ou contrariada, espalhando cinzas no ar) e maldizia as sacolas. Eu não via nada a um palmo do meu nariz, que, às vezes, tocava nas costas dela.

Passados uns quinze minutos de suor e reclamações, avistamos uma casa em ruínas. Parecia um forte: paredes grossas de pedra e barro, algumas telhas açorianas sustentadas por caibros apodrecidos, limos e teias de aranha por toda fachada imponente. De seu interior vinham vozes de várias pessoas em discussão acalorada. Ao aproximarmos-nos, notamos vultos cruzarem as amplas janelas, produzindo sombras bruxuleantes nas velhas paredes. O que se ouvia era algo ininteligível, mas a cada passo fui percebendo algumas palavras e, já mais próximo, notei que eram estrangeiros. Apenas estranhei o fato de discutirem em latim, grego e sânscrito, todos apresentando fortes sotaques. Lola estava assustada e confesso que também fiquei. Paramos para descansar um pouco e trocar as sacolas de mão. Conversavam sobre alquimia, a panacéia e os metais contidos nas cinzas; os remédios a que se misturavam cinzas para curar os males. Ri entre dentes da ironia. Seguimos e, poucos metros adiante, Lola disse-me que havia esquecido algo em frente a casa. Voltamos e pasmamos quando vimos o sobrado totalmente às escuras, sem os alaridos de há bem pouco, sem a pulsação das discussões, sem o fremit das velhas paredes. Achegamo-nos, curiosos. Súbito, gatos saltaram às janelas, produzindo ruídos estridentes, como violinos de uma excêntrica orquestra. Ficamos paralisados, enquanto eles nos olhavam fixamente com seus olhos

amarelos. Para maior espanto meu, Lola, como que hipnotizada, começou a caminhar em direção ao casarão. Quanto mais próxima, mais os gatos gemiam, silvavam. Finalmente entrou, pude notar entre os dedos. Os alaridos serenaram, diminuíram de intensidade. Agora ronronavam mansos, até o silêncio total. Eu tinha os pés fincados no chão e as mãos presas no rosto. Faltava-me saliva e não conseguia raciocinar. Eu era uma árvore. Assim me senti, preso ao solo, com meus ramos atrapalhando minha visão, morrendo por falta d'água. Despertei com um grito rouco. Lola estava no chão, morta, branca, gélida. Nos meus dedos havia pêlos e sangue.

N. S: do Desterro, DEZ/85

VINÍCIUS R. ALVES é estudante de Letras da UFSC. Tem publicados: LABIRINTO, livro de estréia (Edições Bernúncia), contos, 1984; Sete Porções Circulares, contos, edição Sanfona, 1986. É co-editor da revista "Contos & Poemas".



Ciclo de Setembro do Museu de Arte de Santa Catarina, programado para o período de 6 a 21 obras de Suely Beduschi e a mostra "Sagração da Primavera", de Doraci Girulat, além de parte do acervo do MASC. A visitação poderá ser feita das 9 às 12 horas e das 13 às 21 horas, de segunda a sexta-feira; e das 15 às 21 horas, aos sábados e domingos.

A Assessoria de Memória e Patrimônio da Fundação Catarinense de Cultura desenvolveu um projeto de implantação de roteiros culturais pelos caminhos históricos da colonização italiana no Sul do Estado. Um programa que visa à valorização do patrimônio ambiental da região e à dinamização de atividades produtivas do tipo familiar, proporcionando retorno econômico pela presença do turista. Os caminhos traçados para os

Roteiros seguem a trajetória percorrida pelos primeiros imigrantes e envolvem os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Criciúma, Orleans, Nova Veneza, Tubarão, Gravatal, Braço do Norte, São Ludgero e Morro da Fumaça. Neste momento, a Assessoria de Memória e Patrimônio está buscando contato com as Prefeituras da Região Sul para articulação e viabilidade do projeto, a partir das necessidades e possibilidades de cada município.

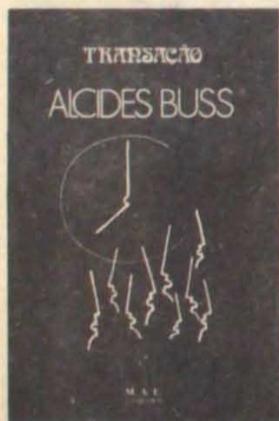
Entre os muitos resultados das visitas feitas pela Superintendente da FCC, Lygia Rousseq Neves, aos museus e oficinas do Rio e São Paulo, destaca-se a abertura de espaço no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio, para a exposição de artistas catarinenses. Em janeiro de 89 deverá acontecer uma mostra de gravadores catarinenses e de obras do pintor Aldo Nunes, na Galeria do Papel do MNBA.

Junto ao Museu de Arte de São Paulo (MASP) estão sendo definidas as exposições de três grandes nomes da arte catarinense — Ernesto Meyer Filho, Silvio Pléticos e Aldo Nunes. E, no Museu Histórico Nacional, os museólogos de Santa Catarina poderão participar de oficinas para o aperfeiçoamento de seu trabalho.

Também foi definido um intercâmbio da Fundação com as Oficinas Culturais Três Rios, na área da fotografia, num projeto de preservação da memória fotográfica, que vai envolver técnicos dessa área em oficinas semanais. A Três Rios assegura o alojamento e uma bolsa de Cz\$ 30.000,00 aos técnicos selecionados para esta reciclagem.

Por fim, a Superintendente assegurou a vinda da arquiteta Lina Bo Bardi ao Encontro Estadual de Cultura, para novembro, e da gravadora Fayga Ostrower ao Encontro de Arte-Educadores da Região Sul. Fayga deverá também expor suas litografias na Galeria do Papel do CIC, em outubro.

## LEIA



**TRANSAÇÃO** — Novo livro de poemas de Alcides Buss, edição da "Movimentação de Ação do Livro: O Livro em Movimentação", Florianópolis, 1988. Diz Tânia Regina Oliveira Ramos em apresentação da obra: "A conclusão a que cheguei, e que se confirma agora em **Transação**, é que Alcides Buss, com verdadeira consciência da função da palavra poética, passa de uma visão estática da linguagem, que se percebe nos primeiros poemas publicados, para uma visão dinâmica".

**MOVIMENTOS AUTOMÁTICOS** — Novela de Amílcar Neves, edição da AESC, FUNCEX, MASSAO OHNO/Editores, São Paulo, 1988. Texto que se colocou, em 1982, entre os finalistas do Prêmio Status, em razão do que integrou depois a coletânea **4 Novelas Eróticas** (Editora Três, SP, 1983); a propósito da presente edição, assim se expressa o escritor Flávio José Cardozo: "Captando, com senso poético, os pontos de relação entre as personagens em crise e os acenos desse território sem códigos, Amílcar Neves elabora um texto cujo virtuosismo pede uma leitura sob mais de um ângulo."



## DICIONÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

Com prefácio do Prof. P. M. Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, e apresentação da Professora Zuleika Mussi Lenzi, Secretária de Cultura, foi feito o lançamento do "Indicador Catarinense das Artes Plásticas", no dia 6 de setembro, a partir das 20h30min, no MASC. Na mesma oportunidade, o Museu abriu o Ciclo de Setembro, de sua programação anual.

Bardi recorda no prefácio que, em 1947, adquiriu para o acervo do MASP duas obras de Victor Meirelles: os grandes retratos de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina.

Depois de salientar a importância do dicionário pela seriedade da pesquisa e escassez de documentação de consulta, "tanto sobre os mestres dos séculos de nossa formação, quanto dos contemporâneos", salienta



o empenho que Harry Laus, coordenador do livro, "coloca no estudo e na programação da arte nacional".

A Secretária Zuleika Lenzi destaca a imparcialidade da equipe, "relacionando o maior número possível de artistas, desde os mais evidentes aos mais humildes". Agradece o prefácio de Bardi e a colaboração

do empresariado que tornou possível a iniciativa: IBM Brasil, Embraco de Joinville e Embalagens Plásticas Canguru, de Criciúma.

### O Dicionário

Com um total de 510 registros, o indicador relaciona 405 artistas nascidos em Santa Catarina ou que aqui vivem ou viveram, além dos que por aqui passaram deixando alguma marca de sua passagem. É o caso de Duché de Vancy, que conheceu a ilha em 1785 e fez um desenho que serve de ilustração para a sobrecapa a cores do volume. No interior, há mais 114 reproduções preto e branco de obras dos artistas mais importantes.

O crítico Harry Laus escreveu um "Roteiro da Arte Catarinense" que conduz o leitor a um aprofundamento do estudo, mediante consulta da biografia dos artistas citados, bem como de dados sobre instituições, grupos de artistas e salões de arte, constantes dos verbetes especiais do Indicador.

### A Equipe

Com o selo da Fundação Catarinense de Cultura, que deu todo o apoio necessário à elaboração do livro, e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, o "Indicador Catarinense das Artes Plásticas" tomou dois anos de trabalho, iniciado em março de 1986. A pesquisa curricular, bibliográfica e histórica foi feita por Nancy Bortolin Moraes Mattos, que contou com a colaboração de Sérgio Florianini e Carmem Guasco Vaz para a complementação de pesquisa e serviço de datilografia e arquivo. O trabalho de seleção e controle das fotos ficou a cargo de Teresa Collares a Patrícia Amante, contando ainda a equipe com a colaboração de Ronaldo Linhares, para os serviços de secretaria.

Numa explicação constante do corpo do dicionário, a equipe coordenada por Harry Laus salienta que o trabalho, desenvolvido com amor e dedicação, será um ponto de referência para todos os que, daqui para a frente, quiserem se aprofundar no estudo da arte catarinense.

Fora da Capital, Blumenau e Joinville também dispunham de serviços litográficos. Em Joinville, através de Ottkar Doerffel e Carl Wilhelm Boehm. Em Blumenau, através de Bernardo Scheidemantel, cuja oficina tinha o nome de Instituto Artístico de Litografia e Autografia.

## NOTA PRÉVIA SOBRE A LITOGRAFIA EM SANTA CATARINA

O início das atividades litográficas em Santa Catarina se deu em 1834, três anos após o surgimento de "O Catharinense". A iniciativa era de Eugênio Pereira da Cunha, que requereu licença à Câmara Municipal de Desterro, pedindo alvará e dizendo que seu estabelecimento comercial estava instalado no Largo do Palácio, casa nº 14.

A partir de 1864, com a chegada a Desterro de João Melchior Rohlacher, as atividades litográficas começaram a se desenvolver, talvez porque já existisse mercado local para esse tipo de serviço. Rohlacher, que era estrangeiro, possivelmente judeu originário de Portugal, tinha completo domínio do ofício e não tardou transmitir a outros interessados os conhecimentos fundamentais desse mister.

Sob a razão social de Schuarzer & Rohlacher, instala litografia na Rua do Príncipe, 10, onde passou a atender encomendas de papéis de cartas, letras de câmbio, despacho, conhecimentos, etiquetas, rótulos, cartões para bordado, além de "retratos litográficos". Inicialmente, a firma funcionou junto com negócios de ferragens, mas em 1869 essa parte foi vendida para José Lino Alvares Cabral e Anacleto Silveira de Sousa. Nessa oportunidade, a litografia passou para a Rua do Livramento, 15, sinal de que a firma já podia sobreviver somente com os serviços de litografia. Fora da Capital, Blumenau e Joinville também dispunham desses serviços. Em Joinville, através de Ottkar Doerffel e Carl Wilhelm Boehm. Em

Blumenau, através de Bernardo Scheidemantel, cuja oficina tinha o nome de Instituto Artístico de Litografia e Autografia, dizendo em anúncio que "este estabelecimento, o primeiro em seu gênero nesta província, acha-se completamente habilitado para encarregar-se de qualquer desses trabalhos, já pela perfeição com que os mesmos são executados, já pela modalidade de seus preços". (1)

Ainda em Desterro, no ano de 1868, Cândido Francisco de Assis Feijó montou litografia na Rua da Constituição nº 36, dizendo no anúncio que estava equipado para executar qualquer encomenda. Pouco se sabe da prosperidade do negócio. Do proprietário, sabemos que andou em alguns periódicos locais fazendo serviços de redação, mas essas folhas só usavam os recursos da tipografia, trazendo como ilustrações apenas os anúncios de medicamentos, de circos e de loções capilares.



FOTO CARLA ALVES

Coube a Alexandre Margarida (1834-1916) a primazia de ser o pioneiro da imprensa ilustrada de sua terra, usando os recursos da litografia. Por volta de 1870, o seu "Gabinete Litográfico" estava instalado na Rua Augusta, nº 28. Além dessa litografia, a Capital contava por esse tempo com cinco tipografias e três ateliês de fotografia. Em 1882, Alexandre Margarida dirigiu o jornalzinho "O Artista" e, no ano seguinte, foi um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios. Noutra oportunidade dirigiu "A Harpa Catarinense", "O Livro da Mocidade" e gerenciou "A Regeneração", órgão ligado aos liberais e pedreiros livres e que circulava sob a orientação de Duarte Schutel e Luiz Augusto Crespo.

Foi Joaquim Margarida (1866-1955), filho de Alexandre, a figura mais importante dessa imprensa ilustrada e caricata de meados do século passado, no Desterro. Nasceu praticamente dentro de uma oficina de jornal, Joaquim Margarida aprendeu cedo com o pai o trabalho com a pedra litográfica e com o tio, Manuel das Oliveiras Margarida, a arte do desenho. Com efeito, o velho Maneca Margarida era um desses espíritos elevados que vivia para servir. Mantinha um curso noturno de desenho, ensinando gratuitamente a todos que o procuravam. Os jornais ilustrados e caricatas mais importantes desse período foram três. Dois deles, "A Matraca" (1880-1888) e "O Mosquito" (1888-1889), foram dirigidos e ilustrados por Joaquim Margarida. O

terceiro chamava-se "O Moleque" (1885), que circulava sob a orientação de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, sendo de Virgílio Várzea, além do texto, a responsabilidade das ilustrações.

Nos primeiros anos deste século, Joaquim Margarida, então professor de uma escola pública e pintor nas horas vagas, ainda guardava carinhosamente o seu material litográfico, além de outros apetrechos de seu trabalho, como máquinas de fotogravuras e fotografias. Era a lembrança viva da aventura com a imprensa de sua terra. Os magros vestígios de um sonho que ele lutava para não despertar.

(1) — in O Conservador, Desterro, 5 de março de 1876.



FOTO CARLA ALVES

IAPONAM SOARES é Diretor do Arquivo Público, em Florianópolis. Tem publicados, entre outros, os livros: Marcelino Antônio Dutra, um aspecto formativo da literatura catarinense; Panorama do conto catarinense, em terceira edição; A Poesia de Oscar Rosas, ensaio; Três narrativas da insônia, ficção; e História do Município de Biguaçu.

## O PAPEL

### MODIFICADOR

### DOS MUSEUS

O Estado de Santa Catarina possui importantes acervos museológicos, principalmente nas áreas de arqueologia, etnologia, entomologia, arte sacra e história da imigração. Estes acervos encontram-se distribuídos entre aproximadamente 70 instituições com características muito diversificadas. Recebem a denominação de museu entidades que vão desde o pequeno acervo de curiosidades — reunidas numa sala de aula desativada da escola — até o grande museu — organizado dentro das mais modernas condições.

**Um prédio novo, em geral, é mais adequado para guarda, segurança e conservação dos acervos museológicos.**

Entre estes extremos, encontramos museus de porte médio, instalados em prédios históricos; pequenos museus municipais, acomodados em salas das prefeituras e casas de cultura; ou acervos particulares que evoluíram para museus.

Um dado preocupante é a proliferação dos museus no Estado, característica que se repete em todo o território nacional. De três anos para cá, o despertar de uma consciência preservacionista no País originou uma certa febre de museus. Inauguram-se museus sem quaisquer critérios de coleta de acervo, sem pessoal com um mínimo de capacitação e, o que é pior, sem condições de sobrevivência por falta de recursos materiais. Acontecem até casos de museus criados por lei e que ainda não possuem prédio, pessoal e muito menos acervo.

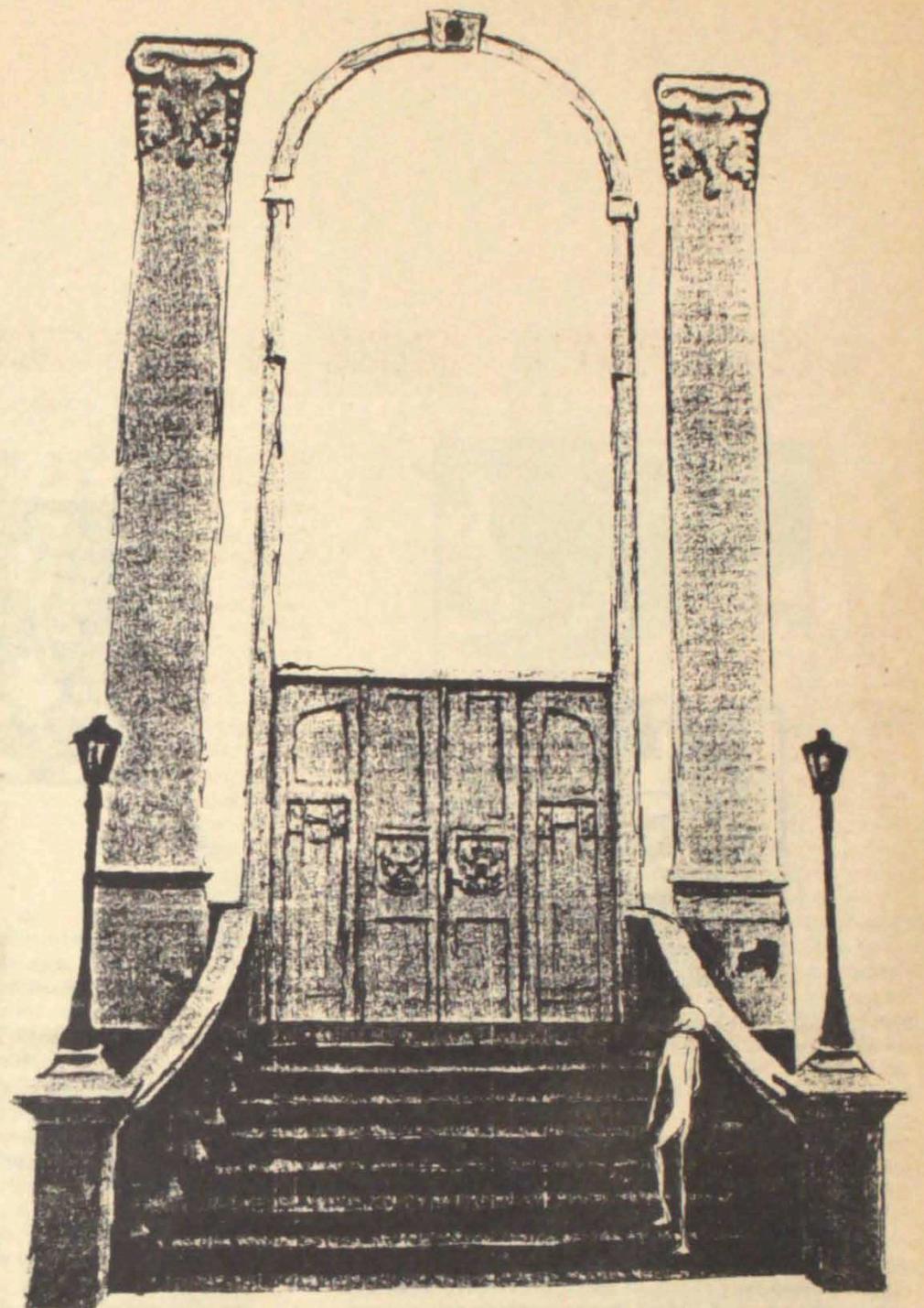
Freqüentemente, o fato de haver um prédio antigo no município induz as pessoas a quererem instalar nele um museu. Parece que este deve ser o destino inevitável das casas antigas. Acontece que, na maioria dos casos, há necessidade de grandes investimentos para restaurar e adequar o prédio para esta finalidade. Muitas vezes, é mais fácil e barato instalar uma agência bancária ou uma loja nessas edificações, conservando suas características arquitetônicas. Um prédio novo, em geral, é mais adequado para a guarda, segurança e conservação dos acervos museológicos. Uma boa parte de nossos museus não têm uma proposta definida; não dizem para que servem, e se caracterizam como depósitos de coisas velhas, simplesmente porque são velhas e não porque tenham um significado ou uma história para contar sobre as populações que representam. O resultado é que ao usuário não se proporciona uma leitura didática das exposições e o que fica para ele é a lembrança de uma série de peças exóticas, belas, grandiosas, que não têm nenhuma relação entre si, nem com a história ou a cultura da região que o museu pretende retratar. Na maioria dos casos, os museus se desenvolveram baseados numa concepção elitista da História, o que faz com que seus acervos retratem a vida e a atuação política das velhas oligarquias locais. Outro caso muito comum é o museu turístico, que se preocupa apenas com os fluxos externos de visitantes, não havendo nenhuma atividade voltada para o público local, que geralmente nunca o freqüenta. Outro fato decepcionante é a maneira como até agora se recruta pessoal para muitos museus. São raros

os casos em que se escolhem pessoas pela sua formação, pela afinidade e dedicação à área de preservação ou por sua experiência com trabalhos anteriores com a história e cultura do município ou da região. É muito comum o museu, assim como a biblioteca, receber o que sobra da administração pública: o funcionário inadapto, que por fim

**É muito comum o Museu, assim como a Biblioteca, receber o que sobra da administração pública.**

acaba no museu, onde não há muitas exigências em termos de competência. É só ficar cuidando para ninguém roubar as peças e de vez em quando passar um paninho.

Tudo isso faz com que parte de nossos museus ainda sejam estáticos. Poucos desenvolvem alguma atividade, como programas educativos, por exemplo. É comum acontecer que os alunos nunca visitem os museus e, quando o fazem, o que fica gravado é a bagunça de mais um dia fora da sala de aula. Parte da culpa cabe ao setor educacional, que planeja o ensino baseado em situações ideais da realidade livresca, sem nenhum vínculo com materiais concretos à disposição em qualquer contexto comunitário. Ainda está para ser descoberto o ensino baseado na realidade local e que forneça instrumentos para análise de outras realidades mais distantes.



**É comum acontecer que os alunos nunca visitem os museus.**

Felizmente, este quadro está mudando pouco a pouco. Em primeiro lugar, devemos destacar a persistência do trabalho anônimo e abnegado de pessoas que há alguns anos, em grandes e pequenos museus, desenvolvem esforços no sentido de termos instituições sérias e competentes. Este trabalho, como água mole em pedra dura, começa a abrir brechas na dureza da administração pública. Já se olha com mais seriedade para os nossos museus e começa-se a atender aos antigos apelos destas pessoas que há anos pediam uma restauração, um funcionário, uma assessoria, algumas fichas de catalogação, um curso de formação, um

desumidificador ou mesmo um prédio novo. Além disso, uma certa consciência preservacionista tem forçado uma maior atenção e cuidado daqueles que administram nossos bens patrimoniais. Muitos museus estão buscando assessoramento de especialistas e procurando uma maior dinamização de suas atividades. Já se nota uma maior participação da população e dos estudantes; as eternas exposições permanentes ganham uma linguagem mais moderna e já se dedicam espaços para exposições temporárias, palestras e outros eventos que discutam assuntos de interesse comunitário.

Paralelamente, há também um maior cuidado com os registros sobre os acervos e uma crescente procura por cursos de formação na área museológica.

Portanto, não seria exagero afirmar que caminhamos para uma realidade em que os museus de Santa Catarina poderão cumprir o seu papel de guarda, pesquisa e difusão dos bens de nosso patrimônio cultural.

Há um despertar para a consciência de que os museus devem ser um instrumento de educação permanente, um arquivo da memória e um laboratório da cultura, comprometido com as necessidades e problemas da população.

Fernando Romero é Coordenador do Sistema Estadual de Museus e Representante de Santa Catarina no Sistema Nacional de Museus.

Continua circulando a exposição fotográfica do Projeto Nossa Gente — Um Auto-Retrato de Santa Catarina, mostra que reúne 180 trabalhos de fotógrafos amadores e profissionais do Estado e que será apresentada em outubro, no escritório da Funarte em Curitiba. Uma iniciativa do Ministério da Cultura, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e Fundação Catarinense de Cultura, a mostra está atualmente em Urussanga, depois de ter passado pelas cidades de Chapecó, Lages, Florianópolis, Pomerode e Joinville. A exposição é o resultado de oficinas realizadas durante os fins de semana em várias cidades do Estado, com a orientação de um fotógrafo profissional de São Paulo.

Em todos os primeiros sábados de cada mês, a Biblioteca Pública do Estado realiza a promoção "Porque Hoje é Sábado", oferecendo às comunidades infantil e infanto-juvenil atividades recreativas e culturais. O horário é das 9h às 12h.

Também na Biblioteca, é realizada freqüentemente a semana da Troca, destinada a pessoas com interesse em trocar livros que já leram, por outros que a Biblioteca possui em duplicata.

#### CURSOS

As Oficinas de Arte do Centro Integrado de Cultura, de Florianópolis, estão realizando Oficinas Breves de iniciação à Produção Gráfica I e História de Arte (Modernismo Século XX).

As inscrições continuam abertas. As mensalidades são de Cz\$ 1.000,00.

Mais informações pelo fone (0482) 33-2166 ramal 147

Entre os dias 8 e 21 de outubro, no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, acontece o I Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, que objetiva integrar profissionais da área, buscando "uma tomada de consciência da situação atual, pensando e repensando valores, bem como avaliar a influência das escolinhas de arte na arte-educação". A programação inclui palestras, debates, apresentação de trabalhos, relatos de experiências e eventos culturais. As inscrições ainda estão abertas e maiores informações podem ser obtidas na Escolinha de Arte de Florianópolis, fone 22-1155.

#### FESTIVAIS

A atuação do teatro amador no Estado tem sido intensa e constante. Isto tem a ver com a participação da Federação Catarinense de Teatro Amador, com as Fundações Educacionais, Prefeituras Municipais e a própria Fundação Catarinense de Cultura.

Em São José do Cedro, acontece o I Festival de Teatro Amador, entre 02 e 07 de setembro. A participação de 15 grupos obriga à seleção de dois para integrar o Festival Estadual.

A cidade de Concórdia promove o V FETACRO — Festival de Teatro Amador Catarinense da Região Oeste — no período de 03 a 08 de outubro, reunindo grupos de Joaçaba, Capinzal, Ponte Serrada, São Carlos, Maravilha e Concórdia.

O 4º Festival Catarinense de Teatro Amador — FECAT, reúne as melhores produções teatrais das nove regiões da FE-CATA, entre 28 de outubro e 02 de novembro, nos palcos dos teatros do CIC, TAC e UFSC; em Florianópolis.

A Fundação Catarinense de Cultura, co-promotora do II Festival de Vídeo Independente, abre inscrições até o dia 30 de setembro próximo, através do Núcleo de Documentação Audiovisual.

O II Fest Vídeo premiará os melhores vídeos VHS e UMATIC com Cz\$ 20.000,00 (vinte mil cruzados) cada um. Receberão os troféus os melhores: diretor, fotografia, roteiro, atriz/ator, sonorização e edição.

Podem concorrer produtores independentes nas categorias documentário, educativo, ficção e reportagem.

A pré-seleção de Santa Catarina divulgará o resultado entre 10 e 14 de outubro de 1988, nos locais de inscrição.

Ao júri final, em Porto Alegre, entre 17 e 21 de outubro, durante o II Fest Vídeo, serão apresentados os selecionados nas etapas estaduais.

Os candidatos devem entregar ficha de inscrição, sinopse, ficha técnica e uma cópia de cada produção, ao Núcleo de Documentação Audiovisual — Centro Integrado de Cultura — Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.000 — Agrônoma — 88025 — Florianópolis — SC.

A cópia será devolvida se o candidato optar por pagar a taxa de inscrição.

Maiores informações pelo fone: (0482) 33-2166 — ramal 127.

#### PROGRAMAÇÃO DO CLUBE DE CINEMA NOSSA SENHORA DO DESTERRO — NO CIC.

<input type="checkbox"/>	SETEMBRO	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	— 26/8 OLHOS NEGROS ( NIKITA MIKHALKOV 86)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	— 27/8 A CONFERÊNCIA DE WANNSEE (HEIMZ SCHIRK 84)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	— 3/9 SID e NANCY ( ALEX COX 86)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	— 10/9 ÁRIA (VÁRIOS DIRETORES, 86)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	— 17/9 MISS MARY (M.L. BEMBERG 86)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Em outubro: "CINEMA FRANCÊS ANOS 80" 9 filmes; em colaboração da Aliança Francesa de Epolis e Departamento Língua Francesa UFSC.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

#### G E R A I S

A cidade de Joaçaba promove, entre 15 e 31 de outubro, a Exposição de Pintura em Porcelana, envolvendo os alunos da Escola Lourdes Dassi. Esta é a quarta edição do evento e ainda não há local definido para a sua realização este ano.

Fotografias, desenhos e pinturas compõem a II Feira de Artesanato que o município de Ipumirim realiza entre os dias 1º e 7 de setembro. A promoção, que deve ter por local a Biblioteca Pública ou o Centro Comunitário, vai reunir artistas locais e da região.

O município de Guarujá do Sul programou para o início de outubro a sua Semana da Cultura, que acontece no Clube Esportivo Guarujá e consta de apresentações folclóricas, declamação de poesias, danças, coreografias e apresentação de piadas. O objetivo da Semana é valorizar os talentos artísticos da comunidade.

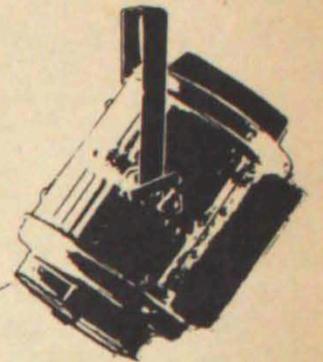
O Planalto e o Oeste programaram para este ano a Semana Farroupilha, que lembra a Revolução que agitou o Rio Grande do Sul durante vários anos no século passado. Haverá desfile de cavaleiros com bandeiras da Revolução e serão montados tabladados nas praças para a realização de shows com as invernadas artísticas. Compõem ainda a programação, concursos de chula, danças folclóricas gaúchas, exposições de roupas da época, missas crioulas e distribuição e venda de comidas típicas.

A Semana Farroupilha será realizada em Maravilha, de 11 a 27 de setembro; em Itapiranga, de 12 a 19 do mesmo mês; em Lages, de 16 a 20; em Coronel Freitas, de 19 a 24; em Dionísio Cerqueira, de 19 a 26; e em Chapecó, de 20 a 25 de setembro.

Criciúma promoveu no dia 4 de setembro o II Festival de Pipas, que há dois anos movimentou a comunidade. A festa foi no Paço Municipal, com Shows artísticos e premiações aos melhores colocados na competição. O público-alvo é o infantil.

Itapiranga também tem sua Oktoberfest. Será nos dias 8, 16 e 22 de outubro, sempre à noite, a partir das 20h ou 22h. As atividades incluem desfile de carros alegóricos, pronunciamento de autoridades, venda de comidas típicas, danças folclóricas, exibição de corais, torneios de cartas e bailes, com animação da Banda Municipal de Nova Petrópolis.

A casa da Alfândega, de Florianópolis, promove entre os dias 26 de setembro e 30 de outubro a exposição "Folclore é feito para Brincar". Serão apresentados brinquedos artesanais catarinenses, pandorgas de Valdir Agostinho e mais 400 peças de brinquedos populares brasileiros.



#### TEATRO DO CIC — PROGRAMAÇÃO

##### SETEMBRO

01 a 04 — Meu Querido Mentiroso — com Nathalia Timberg e Sergio Brito. Direção de Sérgio Brito — 21 horas — a confirmar

03 e 04 — O Mágico de Oz — Infantil. Direção Valdir Dutra, às 16 horas de sábado; 10h30min e 16 horas de domingo

06 e 07 — Show de Luís Wagner — 21 horas

14 — Show Hermeto Pascoal — 21 horas

15 — Terra Papagal — Música antiga — 21 horas

08 a 11 — O Amante de Madame Vidal — com Esther Goes e Renato Borghi. Direção Gianni Ratto — 21 horas

16 — V Festival de Coros — a confirmar

17 — Associação Coral de Florianópolis — 21 horas

20 e 21 — Mito e Magia — Ballet Desterro — 21 horas

23 e 24 — Show Agildo Ribeiro — 21 horas

24 e 25 — Thundercats — Infantil — Direção de Marco Antônio Palmeiras, às 15 h e 16h30min de sábado; 10h30 min, 15 h e 16h30min de domingo — a confirmar

29 — Show Grupo Taktum — Marcelo Muniz (baixo), Luiz A. Robinson (violão), Marcelo Frias (bateria) e Fidel Piñero — Participação de Neide Maria Rosa — 21 horas

##### OUTUBRO

01 e 02 — A Criação de Haydn — Oratório para três vozes, coro e orquestra. Promoção Pró-Música de Florianópolis — 21 horas

14 a 16 — O Lobo de Ray-Ban — com Cristiane Torloni, Raul Cortez, Renato Modesto, Renato Dobal. Direção José Possi Neto — 21 horas — a confirmar

18 — Coral ARS Nova da UFMC — Promoção Pró-Música de Florianópolis — 21 horas

26 — André Carrara — Recital com música de Villa-Lobos, Beethoven, Debussy e Chopin. Promoção: Pró-Música de Florianópolis — 21 horas

29 e 30 — I Festival de Canto Coral — 21 horas



**SINTO MEU SER TREMER COMO  
A ÁGUA FRIA**

Sinto meu ser tremer como a água fria  
ao Luar num jardim-sonho de Ninfas. . .  
e a sombra a agonizar n'áurea agonia  
iriado lírio de luar nas Linfas. . .

Cismo singrar-me lírio nessas tranças  
aureoladas das fontes que nasciam. . .  
a deslizar saudades e lembranças  
que vão nascer pra além como morriam.

Pensei retê-las, ser o rastro d'Elas. . .  
ser a canção saudosa, que desliza  
bebendo a luz dos olhos das estrelas. . .

Correr em vão e ter seu mesmo fim,  
ser o irreal espelho onde agoniza  
esparso olor, idílico jardim. . .

(De Certa Lenda Numa Tarde)



Nascido na Desterro, atual Florianópolis, em 1886, Ernani Salomão Rosas Ribeiro de Almeida morreu em 1955, na cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio. Filho do poeta e jornalista Oscar Rosas, teve uma vida solitária e financeiramente atribulada. Sua obra poética, até agora dispersa e na maior parte inédita, deverá ser publicada brevemente pela FCC Edições, da Fundação Catarinense de Cultura, em edição organizada por Danila Lutz Varela e Iaponan Soares.